

## Qualiagro

# Rastreabilidade bovina

Luciana Vieira<sup>1</sup>  
Gabriela Cardozo Ferreira<sup>2</sup>  
Marcia Dutra de Barcellos<sup>2</sup>

**A** RASTREABILIDADE consiste em um fluxo de informações sobre o processo produtivo ao longo da cadeia de suprimentos. Algumas empresas importadoras exigem certificados internacionais, para reduzir seus custos de monitoramento da qualidade, no momento de verificar se seus fornecedores usam métodos de produção seguros. A discussão é sobre o responsável pelo custo da rastreabilidade: se deve ou pode ser compartilhado entre os elos envolvidos no processo da carne bovina.

Uma coordenação mais integrada tem sido discutida para identificar como o custo da rastreabilidade pode ser dividido entre os agentes da cadeia produtiva. Depois da crise provocada pela BSE (vaca louca), as mudanças na cadeia da carne britânica repercutiram em outros países. Com a necessidade de assegurar a qualidade, dois agentes passaram a liderar o processo da rastreabilidade: o varejista e o produtor.

No Brasil, as regulamentações para rastreabilidade usam como base as diretivas da União Européia 1760/2000 (17/7/2000) e 1825/2000 (25/8/2000), para estabelecer o sistema para identificação e registro de bovinos e exigem a rotulagem da carne e produtos derivados da carne.

Essa regulamentação reforça a aceitação pelos países membros da UE e também pelos países fornecedores. A garantia total é considerada pelos exportadores mais avançados como quesito da segurança alimentar e uma forma de evitar a entrada de novos concorrentes no mercado. Um selo com a informação do país de origem, o local onde o gado é criado e

onde foi abatido, é obrigatório para produção animal destinada à exportação.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), para normalizar a produção e exportação de carne bovina, com garantia de origem e qualidade, pela Instrução Normativa nº 17, de 14/7/2006, criou uma nova estrutura operacional para o Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (Sisbov).

O sistema é de adesão voluntária. A obrigatoriedade cabe na comercialização para mercados com exigência da rastreabilidade. Com a nova normativa, surge o conceito de Estabelecimento Rural, que prevê:

- Cadastramento do produtor e da propriedade;
- Protocolo básico de produção;
- Termo de adesão ao Sisbov;
- Controle de movimentação dos animais;
- Supervisão de uma única certificadora credenciada pelo MAPA;
- Identificação individual e obrigatória de todos os bovinos e bubalinos cadastrados na Base Nacional de Dados;
- Registro de todos os insumos utilizados na propriedade durante o processo produtivo.

Para os produtores inscritos no antigo Sisbov abaterem ou comercializarem seus animais cadastrados na Base Nacional de Dados sob as regras antigas, sem perder a rastreabilidade desses animais, a data limite é 31 de dezembro de 2007. A partir daí, ficam revogadas as Instruções Normativas e Portarias do antigo Sisbov. Isso exigirá da cadeia da carne agilidade e organização.

A partir de 2009, só será permitido o ingresso de bovinos e bubalinos nos Estabelecimentos Rurais aprovados no Sisbov. O sistema permitirá ainda a atualização das informações entre o Órgão Executor da Sanidade Animal nos estados e a Certificadora do Estabelecimento Rural aprovado no Sisbov, credenciada pelo MAPA, proporcionando melhoria no fluxo de informações entre os agentes.

Dessa forma, o monitoramento e a atualização do processo produtivo são fundamentais no controle da cadeia de suprimentos. Existem dois tipos de informação:

- De mercado, que percorre o inverso da cadeia (do consumidor ao produtor) e é utilizada pela estratégia de produção.
- Técnica no fluxo da cadeia (do produtor ao consumidor). Comunica os atributos e as características da carne, por meio de diferentes formas, como folhetos, propaganda e degustação em pontos de venda.

O fluxo de informação fica claro nas alianças estratégicas incentivadas por varejistas. A informação de mercado é usada tanto para dar apoio às suas decisões como para o planejamento das atividades. O principal obstáculo é o produtor, cujo controle da informação ainda é incompleto. A rastreabilidade visa a obter informações a respeito da origem do produto.

Relacionada às lideranças, são identificadas três formas distintas de coordenação na cadeia bovina:

1. Varejistas: utilizam o poder para estabelecer regras de comercialização e padronização dos produtos. Como consequência, as decisões são



tomadas individualmente pelos participantes da cadeia e caracterizam transações via mercado (como leilões de gado);

2. Produtores de carne: estabelecem todo o processo do sistema, da produção animal ao produto final. Esses produtores terceirizam o abate e decidem os procedimentos.
3. Indústria processadora: classificada como intermediária entre o mercado e a coordenação verticalizada. Define os padrões do gado e do abate. Há planejamento cooperativo e estratégias comuns.

Estudos apontam uma lacuna de coordenação entre os agentes da cadeia. Isso reduz a competitividade do produto final. Independentemente da forma de coordenação existente, é necessário o monitoramento do processo produtivo eficiente para atender à demanda de mercado. Os resultados indicam dificuldades na mudança do modelo de compras com base somente em preço para formas mais integradas, que valorizem qualidade, frequência de entrega etc.

A melhor coordenação vertical da cadeia da carne traz benefícios financeiros, físicos e informacionais. Da mesma forma, a rastreabilidade é um importante mecanismo para organizar e transmitir informação de mercado e técnica para todos os agentes. E, conseqüentemente, para aumentar a competitividade da cadeia.

Finalmente, quanto à rastreabilidade:

- Pode ser utilizada como mecanismo de coordenação da cadeia para maior sistematização das informações e auxílio no desenvolvimento de estratégias coletivas e parcerias;
- Receber reforço e incentivo dos setores privado e público, não somente como forma de acesso ao mercado externo;
- Os três modelos não são excludentes e, eventualmente, reforçam um ao outro. Por exemplo, a rastreabilidade usada para acesso internacional automaticamente permitirá a diferenciação e a coordenação da cadeia.

Há importantes implicações para os gestores da cadeia da carne em particular e outras cadeias em geral. Da mesma forma, as crescentes cadeias globais de alimentos, com a presença de *players* internacionais, rapidamente mudam as características das transações. Essas relações tendiam a ser hierárquicas. Agora, estão mais direcionadas à credibilidade por causa do aumento de atributos de confiabilidade. Os agentes devem tirar vantagem disso para reunir informações de mercado e aperfeiçoar as práticas. Eles, eventualmente, podem transferir o conhecimento de mercados mais sofisticados para criar uma vantagem competitiva em mercados alternativos.

Na cadeia da carne, existem problemas comportamentais a serem superados de

forma a permitir mudanças organizacionais, tais como a formação de alianças verticais e a formalização de contratos de compra e venda.

Estudos também sugerem falta de capacidade de gerenciamento para desenvolver estratégias de cooperação. Os processadores de carne devem ser capacitados a monitorar constantemente o mercado internacional e seguir suas tendências, se quiserem permanecer competitivos. Há várias maneiras de promover isso. Uma delas é por meio das associações comerciais e conselhos setoriais (como os que existem na Austrália, Estados Unidos e Nova Zelândia). Ambos são pró-ativos na busca por informações mercadológicas e que transferem conhecimento e atualizam os diversos participantes da cadeia. Isso é essencial para os participantes entenderem melhor o mercado e aperfeiçoarem estratégias de negociação internacional.

Além disso, a carne bovina é um produto altamente dependente das características da sua matéria-prima. Existe uma interdependência entre os diferentes elos da cadeia, que resulta na agregação ou não de valor no produto final.

A agregação de valor, de modo geral, está associada às atividades de comercialização e à proximidade do cliente final. Portanto, os varejistas estão mais bem organizados e tem grande força na cadeia da carne. Já os produtores formam ainda um grupo heterogêneo e pouco organizado. É difícil assegurar padronização e regularidade na entrega.

Em suma, a rastreabilidade é um importante mecanismo para aperfeiçoar e sustentar a competitividade internacional da cadeia da carne brasileira. Deve-se atentar, no entanto, para os prazos estabelecidos pelo novo Sisbov, sob pena da cadeia produtiva da carne bovina acabar com volume reduzido de animais aptos à exportação. Isso colocaria em risco nosso *status* de liderança no mercado mundial. ■

1 Professora e pesquisadora da Unisinos na área de internacionalização

2 Professora e pesquisadora da PUC – RS na área de estratégia e *marketing* no agronegócio